

Olhares dos velhos e dos jovens: diálogos na Terra Indígena Xakriabá¹²⁹

Looks from the old and the young: dialogues in the Xakriabá Indigenous Land

Clarisse Maria Castro de Alvarenga¹³⁰
(Doutora – UFMG)

Resumo: Neste trabalho promovo uma aproximação entre os olhares dos mais velhos e dos mais jovens em experiências de realização audiovisual transcorridas na Terra Indígena Xakriabá no âmbito do Laboratório de Práticas Audiovisuais (LAPA). O Laboratório envolve a aproximação entre o cinema, a educação e a história e a cultura afro-brasileira e indígena por meio de um conjunto de práticas audiovisuais, como exibição de filmes e trechos de filmes e processos de criação com imagens, sons e palavras.

Palavras-chave: Cinema e Educação; Terra Indígena Xakriabá; Cinema ameríndio; História e Cultura Afro-brasileira e indígena; Laboratório de Práticas Audiovisuais.

Abstract: In this work, I promote a rapprochement between the perspectives of older and younger people in audiovisual production experiences that took place in the Xakriabá Indigenous Land within the scope of the Audiovisual Practices Laboratory (LAPA). The Laboratory involves bringing cinema, education and history and Afro-Brazilian and indigenous culture closer together through a set of audiovisual practices, such as showing films and film excerpts and creation processes with images, sounds and words.

Keywords: Cinema and Education; Xakriabá Indigenous Land; Amerindian cinema; Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture; Audiovisual Practices Laboratory.

Em 2019, no XXIII Encontro da Socine, em Porto Alegre, apresentei trabalho que tratava de processo de criação audiovisual vivenciado por uma turma de estudantes Xakriabá na UFMG que aconteceu em uma das disciplinas que ministro no Curso de Formação Intercultural para Estudantes Indígenas (FIEI). Naquele momento teci algumas aproximações entre a pesquisa de Célia Xakriabá (CORRÊA NUNES, 2018) e a experiência audiovisual que experimentamos na Terra Indígena Xakriabá. Na continuidade desse processo, iniciamos um segundo momento em setembro de 2019 em que ampliamos esse trabalho com um grupo menor composto por seis estudantes e passamos também a envolver os adolescentes das escolas onde esses estudantes que são professores indígenas atuam, em três das 33 aldeias da Terra Indígena Xakriabá: Brejo Mata Fome, Riacho do Brejo e Riachinho.

129 - Trabalho apresentado no XXV Encontro SOCINE em sessão do Seminário Temático Cinema e Educação.

130 - Professora na Faculdade de Educação da UFMG, onde coordena o Laboratório de Práticas Audiovisuais (LAPA) e o Laboratório e Arquivo de Imagem e Som (LAIS).

A experiência sobre a qual pretendo me deter transcorreu no Laboratório de Práticas Audiovisuais, o LAPA, projeto que nos possibilitou reunir professores e estudantes da educação básica em meio à partilha de um conjunto de práticas audiovisuais, entre elas exibição de filmes e trechos de filmes e processos de criação envolvendo fotografia, áudio, audiovisual e palavra. Na raiz da proposta deste laboratório está uma aposta na associação entre cinema, educação e história e cultura afro-brasileira e indígena.

Optei por me deter apenas no trabalho com os Xakriabá, mas há um segundo braço do projeto que transcorre em escolas públicas de Belo Horizonte. Apesar de partirem de uma mesma proposta, as experiências que transcorreram nos dois lugares foram inteiramente diferentes. Ambas estão relatadas no livro *Aprender com Imagens* (ALVARENGA, 2022).

Meu objetivo aqui é analisar processos de criação audiovisual e filmes realizados por professoras, professores em relação com processos experimentados por estudantes da Terra Indígena Xakriabá nos anos de 2019 a 2021. A proposta é promover aproximações e distanciamentos entre os trabalhos realizados pelos mais velhos e pelos mais jovens, encontrando diálogos entre os olhares das diferentes gerações. É importante dizer que esse diálogo intergeracional é uma questão central para os professores Xakriabá, que se posicionam entre o conhecimento tradicional dos mais velhos e as práticas culturais dos jovens, buscando encontrar pontos de contato entre eles.

O processo formativo audiovisual que realizamos nos anos de 2019 a 2021 não se encaixa no que nós, não indígenas, conhecemos como “cinema indígena” nem tampouco como “cinema Xakriabá”. Antes de se tornar um produto ou ter seus processos de aprendizagem sistematizados, o cinema simplesmente permite aprender a conectar. Essas conexões são entre gerações mas antes disso são simplesmente entre os corpos (suas experiências sensíveis, sua percepção tátil) e o território. Talvez essa seja a “tecnologia” que interessa, essa é a conexão mais importante de ser aprendida considerando que todo o contato com não-indígenas leva a uma desconexão entre corpos e território, o que facilita a apropriação das terras indígenas, sua espoliação. Essa reconexão entre corpos e territórios pode ser também uma das formas de retomada da terra e resistência.

Nos filmes realizados por professoras e professores e nas imagens fotográficas e vídeos realizados pelos jovens, podemos notar a busca dessa conexão entre os corpos e o território de diferentes maneiras. Nos filmes realizados pelos professores foram escolhidos três temas: 1) o nascimento; 2) a morte; 3) e as narrativas tradicionais contadas pelos mais velhos. Esses são basicamente os três temas trabalhados nos três filmes de autoria dos professores e professoras Xakriabá. É possível notar a busca de conectar corpo e território por meio da palavra e da imagem como forma de estabelecer uma comunicação entre gerações.

Na realização do filme *Parto*¹³¹, Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro foi em busca de sua avó, a parteira Dona Guilhermina. Ao ouvir a avó, percebeu a importância de conhecer mais sobre o território, pois todas as práticas contadas pela anciã envolvem um extenso número de plantas e sua aplicação para o cuidado com a saúde da mulher e de seus bebês.

131 - Filme disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bbt3ISo1Y6I&list=PLf8YMHDKc5w6mJhH7CNkzNlfbaC8j6Y0>>

A iniciativa do filme surge num momento em que Maemes percebe a necessidade do nascimento das crianças se dar no chão do território e não nos leitos frios dos hospitais da cidade vizinha, sendo este um costume dos brancos que está cada vez mais comum entre as jovens do território. O nascimento quando acontece em terras Xakriabá é um ritual que evidencia a experiência de vínculo com a terra pois é atravessada pelas corporeidades da mãe, do bebê e da parteira assim como das plantas, dos óleos, das garrafadas e dos remédios feitos com a vegetação ao redor a partir do conhecimento das mulheres mais velhas.

Em dois momentos do filme, percebemos mais intensamente a conexão entre o corpo de Maemes, o corpo da avó, a partir de uma proposta da avó no sentido da sua intenção de passar o seu lugar de parteira para a neta. Quando conversam sobre o fato de Dona Guilhermina ter aprendido seus conhecimentos com a sogra ela diz no início do filme: “Só vc vai chegando para frente. Vc tem que chegar para frente”. Mais para o final do filme, quando falam sobre o primeiro parto feito há 25 anos e o último feito a cerca de 1 ano, Dona Guilhermina diz: “Agora fica só para vc mesmo”, reiterando o incentivo para que Maemes assuma o lugar por ela ocupado. Além dessa intenção da avó de promover uma transmissão, uma passagem dos seus conhecimentos para a neta por meio do filme, há, por parte de Maemes o reconhecimento sobre a importância da avó e de seus conhecimentos manifestada por meio dessas palavras: “eu te agradeço porque foi pelas mãos da senhora que eu vim ao mundo, foi a senhora que me trouxe ao mundo”.

Não sabemos se de fato Maemes vai se tornar parteira como a avó mas nas falas de Dona Guilhermina e na reação de Maemes há uma reciprocidade entre os seus corpos e um reconhecimento sobre seus vínculos. Depois de terminada a gravação, Maemes reconheceu na experiência do filme uma situação que possibilitou que ela e a avó conversassem sobre assuntos que nunca haviam conversado. Diferentemente do que Maemes temia – que a avó ficasse tímida e não falasse – o que aconteceu foi que elas puderam se falar entre elas sobre assuntos íntimos envolvendo suas histórias de vida e ali, em cena, entrelaçá-las ainda mais.



Figuras 1: Maemes filma sua avó Guilhermina para o filme *Parto*. Fotografia: Alexia Melo



Figuras 2: Maemes filma sua avó Guilhermina para o filme *Parto*. Fotografia Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

Durante o processo de gravação do filme *Memória Xakriabá – Histórias e mitos contados pelos mais velhos*¹³², realizado por Valneci Gonçalves Queiroz das Neves e Nemerson Gonçalves Psekwá, foram convidadas pessoas que são narradores que dominam as histórias Xakriabá entre elas Seu Valdemar, Seu Robertão, Seu Raimundinho e Dona Mére. Todos eles são mestres da palavra. A ideia era reuni-los nas lapas, formações rochosas onde os Xakriabá viviam antes do tempo de existirem as casas construídas de barro e depois de tijolo. Era lá que eles se refugiavam no tempo das chuvas. No tempo da seca eles voltavam para a mata. Depois disso, foi também um lugar para onde fugiam dos brancos. Era ali que eles costumavam se esconder para não serem atacados, nas muitas vezes em que suas terras foram invadidas.

O retorno a esse espaço foi um momento importante para o grupo. Primeiro porque os participantes do filme não se encontravam há muito tempo e o fato de estarem ali naquele lugar fez com que a memória deles viesse à tona e pudessem relatar histórias que há muito não contavam. Foi ali que Sr. Valdemar falou que o mundo não está acabando, o que está acabando é o homem. Sr. Valdemar faz uma crítica do modo de vida do homem branco, mostrando como ele difere do modo de vida dos troncos velhos (os anciões). Ali que Seu Robertão disse: eu nunca perco o costume de ser índio.

Interessante notar que neste filme a relação entre as palavras e os espaços vai tecendo um vínculo das pessoas que narram com as pessoas que escutam, que constituem uma comunidade de ouvintes, e também delas com o território. É como se a palavra, assim como a imagem, atravessassem os corpos e o território promovendo uma reaproximação.



Figura 3: Fotografia do processo de realização do filme *Memória Xakriabá – Histórias e mitos contados pelos mais velhos*. Fotografia: Edgar Kanaykô Xakriabá

Em meio ao processo de realização do filme, um professor de Língua Akwen que não fazia parte do grupo, acompanhava com interesse todas as gravações. Em um certo momento, aproximei-me dele com o intuito de conhecê-lo e emprestei a ele o microfone para que ele captasse o som da cena. Imediatamente ele tirou o calçado e com os pés no chão e o microfone na mão, passou a seguir os passos de Sr. Valdemar. Ao fazer esse gesto, ele estabeleceu concretamente uma relação entre seu corpo, o corpo do ancião, o gravador e o território.



Figura 4: Fotografia do processo de realização do filme *Memória Xakriabá – Histórias e mitos contados pelos mais velhos*. Fotografia: Clarisse Alvarenga

A terceira experiência de realização cinematográfica envolve o filme *Barro preto e luto no território Xakriabá*¹³³. Nesse processo, as cineastas Edna Alves de Barros e Roseli Gonçalves de Oliveira buscaram refazer rituais de luto que não são mais praticados. Devido ao filme, esses rituais foram refeitos e revividos no dia de finados com a atuação de Seu Dioclésio, liderança da aldeia Riachinho.

Um desses rituais envolve enterrar roupas brancas em um local onde há argila preta para tingi-las. Diferentemente do que acontecia no passado, o tecido enterrado não ficou preto como era desejável. A falta da água, o comprometimento das nascentes com lixos industrializados, a invasão por não-indígenas de uma parte significativa do território Xakriabá que antes permitia o acesso ao Rio São Francisco, foram identificados como os motivos que não impedem que ali naquele lugar se formasse um pântano de barro preto como era no passado.

Diante do tecido encardido que não pode ser pintado de preto, pajé Deda molhou as mãos no barro e pintou o rosto com o barro estabelecendo uma relação direta entre seu corpo e o território, misturando o corpo com a terra. O gesto de Déda é simples e ao mesmo tempo cheio de sentido. Enquanto as professoras estão olhando para o tecido e de alguma maneira constatando os problemas ambientais que envolvem a presença dos brancos nos arredores e incidem sobre os rituais Xakriabá, Déda responde pintando seu rosto com barro, como se ele dissesse que há naquele momento um outro gesto envolvendo o corpo que pode ser feito na direção do território.



Figura 5: Pajé Déda pinta o rosto com barro no filme *Barro preto e luto no território Xakriabá*

Os professores fizeram seus filmes na tentativa de escavar o território na busca de um vínculo com ele, sempre encontrando algum achado nesse processo mesmo quando esse processo parece dar errado (os partos que não acontecem mais no território, as histórias que não são mais contadas e nem escutadas, o ritual do luto que vem sendo deixado de lado e as mudanças ambientais e climáticas do território). De uma maneira diferente, as crianças também usam a câmera para buscar uma aproximação ao território. No entanto, o gesto das crianças não é tão vertical, no sentido da escavação que atinge a profundidade do terreno (o gesto dos adultos é de escavar para encontrar o passado, buscando sempre os mais velhos e os pajés), o gesto das crianças é um gesto mais lateral em que elas como que deslizam sobre o território.

Nas imagens fotográficas e nos vídeos realizados pelos jovens podemos notar a permanência dessa conexão entre os corpos e o território agora do ponto de vista dos mais novos. Entre um longo *travelling* feito de bicicleta a partir de casa até a casa da avó, no reconto de uma narrativa tradicional feita de uma criança para outra, ambos sentados no chão, nas várias caminhadas pelo barro e nas gravações de plantas e animais, como porcos e galinhas, surge um outro olhar, diferente dos adultos, mas igualmente voltado para a experiência sensível do contato com o território.

O diálogo entre o olhar dos mais velhos e o olhar dos mais novos aponta um caminho de encontro que passa pela experiência sensível na relação com o território. Se as experiências dos mais velhos e dos mais novos são diferentes, elas se encontram nas imagens ao apresentarem suas percepções direcionadas para aquilo que os une: o território.

É essa mistura entre o corpo, suas experiências sensíveis, e o instrumento técnico que faz com que Edgar chame a câmera fotográfica de “colar digital” (CORRÊA NUNES, 2019, p. 102). O uso ativo desse instrumento em defesa do território produz conhecimentos.

Quando você não é apenas um espectador, mas é também ator ativo do acontecimento, o ato de fotografar e filmar toma outro sentido, ou, por assim dizer, faz aguçar sentidos outros, que são incorporados na própria imagem revelada. Dessa forma que vejo o audiovisual como mais uma arma de luta e resistência: tanto a câmera quanto o canto, a dança, o maracá, a borduna, o arco e flecha são instrumentos/armas de luta e de guerra, capaz de capturar o outro, visível e invisível. (CORRÊA NUNES, 2019, p. 104)

Nessa fala de Edgar fica claro que os sentidos (que são sempre táteis) são deflagrados pelo ato de fotografar, pelo uso da câmera. Essas referências nos oferecem a possibilidade de pensar que formas corporais, experiências sensíveis, territórios e formas imagéticas se aproximam de determinados processos de aprendizagem que são fundamentais para o povo Xakriabá. Além disso, ao colocar em cena o corpo, suas experiências sensíveis e o território, a imagem se torna uma marca do conhecimento ao qual ela se refere, como se fosse um testemunho do conhecimento sensível que os Xakriabá perseguem.

A fotografia fala, se preciso também grita. A fotografia se cala, conduz e anuncia, revela e relata, se necessário denuncia. Por muito tempo vivemos o ponto forte da oralidade, hoje ela se fortalece com a escrita e se embeleza com a imagem. Ela atravessa os olhos dos povos indígenas, a imagem que revela cada especificidade, no mais simples da simplicidade. A fotografia revela o ser, fortalece o saber e, principalmente, ensina a aprender. (CORRÊA NUNES, 2019, p. 112)

O processo de realização da imagem pode, assim, aguçar os sentidos, favorecendo a percepção do território e do conhecimento tradicional por parte de quem a realiza, independentemente de serem jovens, adultos ou mais velhos. Ao final, a imagem resulta como uma evidência de que o saber foi aprendido, porque a experiência sensível de cada um aparece. É nesse sentido que podemos notar que cada uma dessas experiências aqui apresentadas ensinam a aprender.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Clarisse (org.). *Aprender com imagens*. Belo Horizonte: Lapa, 2022.
- CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. *Dissertação de Mestrado*, UNB. Brasília (DF), 2018.
- CORRÊA, Edgar Nunes. Etnovisão – o olhar indígena que atravessa a lente. *Dissertação de Mestrado*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Faculdade de Filosofia e Ciências

